

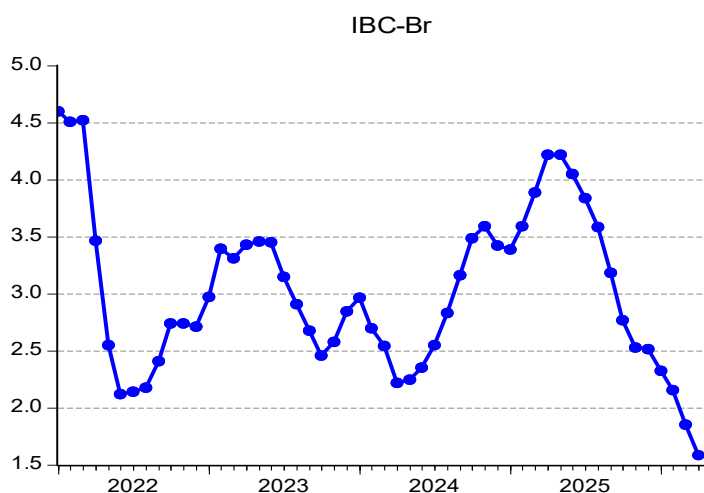


CARTA DE CONJUNTURA – MAIO/2026

O desempenho recente da indústria

O processo de desaceleração da atividade econômica iniciou-se no terceiro trimestre do ano passado e prossegue até hoje. As taxas de crescimento do PIB (trimestre contra igual trimestre do ano anterior) caíram de 3,1% no primeiro trimestre de 2025 para 2,4% no segundo e estabilizaram-se em 1,8% a partir do terceiro até o primeiro de 2026. Dado o retardo com que o PIB é divulgado, usa-se uma *proxy*, o IBC-Br, índice mensal produzido pelo Banco Central, que tem mostrado boa aderência com o PIB para períodos de um ano. O Gráfico 1 mostra este indicador desde 2022 até abril de 2026. Nota-se a clara tendência de queda da sua taxa de expansão nos últimos nove meses. Esse resultado é o que se deve esperar por conta da política monetária apertada em vigor. Provavelmente a queda observada só não é mais expressiva devido à forte expansão fiscal do Governo Federal. Pode-se dizer que o Banco Central retira poder de compra via juro real elevado, enquanto o governo injeta poder de compra via expansão de suas despesas de consumo e transferências de renda. Fica claro que esta combinação de políticas não é sustentável no médio prazo.

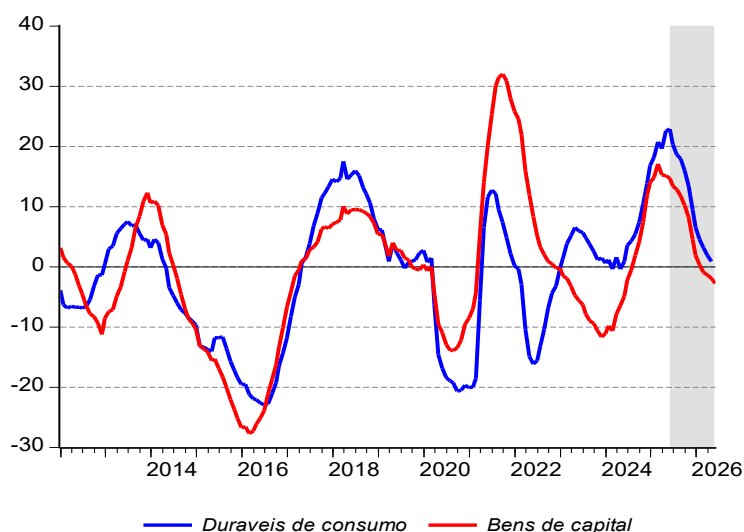
Gráfico 1
Indicador mensal do PIB – IBC-Br
(taxas de variação em 12 meses)



O setor mais afetado pela contração econômica é a indústria de transformação. Os dados do PIB do primeiro trimestre mostram isso. Para um crescimento do PIB de 1,8%, o setor de serviços cresceu 2,1%, a indústria extrativa 13,1% e a indústria de transformação -0,9%. O Gráfico 2 mostra a produção física do setor de bens duráveis de consumo e bens de capital até maio de 2026. Esses são os setores mais sensíveis à taxa real de juro, pois dependem em grande parte das condições de crédito. Considerando uma taxa básica (Selic) real da ordem de 8,5% ao ano, as taxas de mercado, que são as relevantes para as decisões de consumo e de investimento, são obviamente bem maiores. Segundo o Banco Central, a taxa média de juro nominal sobre todas as modalidades de crédito bancário em maio estava em 24,3% ao ano, mas deve-se considerar que existe grande dispersão dessas taxas, desde as mais baixas sobre o chamado “crédito seletivo”, de responsabilidade dos três grandes bancos estatais, até as mais altas nos segmentos livres do mercado ⁽¹⁾.

Gráfico 2

**Produção de bens de capital e bens duráveis de consumo
(taxas de variação em 12 meses)**



O cenário para o restante do ano não deve se alterar. De um lado, o Banco Central, pela lógica do regime de metas de inflação, não tem espaço para reduções significativas do juro real. De outro lado, como estamos em ano eleitoral, tudo indica que o Governo Federal, assim como os governos estaduais, manterão sua política de expansão de despesas, especialmente voltadas para maximizar seu potencial de votos. Deve-se considerar ainda o impacto negativo que o cenário internacional adverso pode ter sobre a economia brasileira no restante do ano. De fato, em face do choque de oferta iniciado em 2025 pela política protecionista dos EUA e amplificado com a guerra no Oriente Médio no início deste ano, é provável que a economia mundial caminhe para algum grau de estagflação (inflação mais alta e renda real mais baixa). Pela experiência histórica, este não é um quadro que possa ser revertido no curto prazo.

A indústria elétrica e eletrônica está entre os setores que sofrem mais fortemente o impacto do quadro descrito acima, como pode ser visto no Quadro 1 abaixo, que indica quedas mais acentuadas na produção do setor em relação à indústria de transformação como um todo. Do lado da demanda final, ele sofre o efeito negativo do juro real elevado que, ao lado do alto nível de inadimplência, reduz as possibilidades de crédito. Do lado dos custos, ele sofre os efeitos dos aumentos de preços de importantes matérias-primas e componentes utilizados na sua produção, o que pode levar a elevações de preços dos produtos finais, e também inibe a demanda.

Quadro 1

**Produção da indústria elétrica e eletrônica
(taxas de variação)**

Atividade Industrial	jan-mai/26 X jan-mai/25	acumulado em 12 meses
- Indústria de Transformação	0,2%	-0,7%
- Setor Eletroeletrônico	-2,4%	-3,5%
- Área Elétrica	-1,5%	-3,0%
- Área Eletrônica	-3,3%	-4,0%

Fonte: IBGE – Elaboração Abinee

Em síntese, após três anos de uma expansão econômica engendrada pela expansão fiscal e de crédito público e privado, há sinais claros de que o processo se esgotou e que escolhas difíceis terão que ser feitas no futuro próximo, especialmente no que se refere às políticas públicas.

¹ Ao lado da taxa real de juro elevada – e em parte devido a ela – deve-se considerar também que os níveis de inadimplência (empresas e famílias) se encontram em níveis recordes, o que limita ainda mais o acesso ao crédito bancário.